

Давеча, граждане, воз кирпичей по улице провезли. Ей-богу!

У меня, знаете, аж сердце затрепетало от радости. Потому строимся же, граждане. Кирпич-то ведь не зря же везут. Домишко, значит, где-нибудь строится. Началось — тьфу, тьфу, не сглазить!

Лет, может, через двадцать, а то и меньше, у каждого гражданина небось по цельной комнате будет. А ежели население шибко не увеличится и, например, всем аборт разрешат — то и по две. А то и по три на рыло. С ванной.

Вот заживём-то когда, граждане! В одной комнате, скажем, спать, в другой гостей принимать, в третьей ещё чего-нибудь... Мало ли! Делов-то найдётся при такой свободной жизни.

Ну, а пока что трудновато насчёт квадратной площади. Скуповато получается ввиду кризиса.

Я вот, братцы, в Москве жил. Недавно только оттуда вернулся. Испытал на себе этот кризис.

Приехал я, знаете, в Москву. Хожу с вещами по улицам. И то есть ни в какую. Не то что остановиться негде — вещей положить некуда.

Две недели, знаете, проходил по улицам с вещами — оброс бородёнкой и вещи порастерял. Так, знаете, налегке и хожу без вещей. Подыскиваю помещение. Наконец в одном доме какой-то человечек по лестнице спускается.

— За тридцать рублей,— говорит,— могу вас устроить в ванной комнате. Квартирка, говорит, барская... Три уборных... Ванна... В ванной, говорит, и живите себе. Окон, говорит, хотя и нету, но зато дверь имеется. И вода под рукой. Хотите, говорит, напустите полную ванну воды и ныряйте себе хоть цельный день.

Я говорю:

— Я, дорогой товарищ, не рыба. Я, говорю, не нуждаюсь нырять. Мне бы, говорю, на суше пожить. Сбавьте, говорю, немного за мокроту.

Он говорит:

— Не могу, товарищ. Рад бы, да не могу. Не от меня целиком зависит. Квартира коммунальная. И цена у нас на ванну выработана твёрдая.

Faz pouco, camaradas, levavam uma carroça de tijolos pela rua. Eu juro, e verdade!

Sabe, o meu coração até disparou de alegria. Ora, ora... estamos construindo, camaradas. Não é à toa que estão carregando tijolos. Quer dizer que em algum lugar por aí estão construindo uma casinha. O negócio já começou — é cuspir pro lado pra não dar azar.

Daqui a uns, vamos ver, uns vinte anos, ou até menos, cada camarada, sem falta, vai ter um cômodo interirinho só pra ele. E mais, se a população não crescer além da conta, e se, quem sabe, o aborto for liberado — então serão dois. Ou três por focinho. Com quarto de banho.

Aí é que o povo vai começar a viver bem, camaradas! Digamos assim: num cômodo — dormir; noutro, receber visitas; e no terceiro, alguma outra coisa... Nem sei bem o quê, de tanto que pode ser! Quanta coisa não existe numa vida assim tão folgada!

Pois é, mas, por enquanto, esse negócio do metro quadrado anda meio difícil. Uma sovinice só por conta da crise.

Eu, por exemplo, já morei em Moscou, meus colegas. Acabei de voltar de lá. Experimentei essa crise na própria pele.

Sabe, cheguei em Moscou e fiquei zanzando pela rua, com as minhas tralhas na mão. Quer dizer, não tinha jeito de achar lugar. Nada de lugar pra mim, Nada de lugar pras tralhas.

Fiquei andando rua afora, sabe, duas semanas inteiras, com as tralhas — a barbicha cobriu a cara toda, e as tralhas... foram sumindo pelo caminho. No final, ficou até leve. E eu procurando um estabelecimento.

Até que enfim, num prédio, um homenzinho apeou da escada.

— Por trinta rublos — disse ele — posso arranjar um alojamento no quarto de banho. O apartamentinho é grã-fino... Três banheiros... E um quarto de banho... Pois pode ir vivendo nele. Sem janelas, infelizmente... em compensação, tem porta. E água ao alcance da mão. Deu vontade, enche a banheira e fica mergulhando o dia todo se quiser.

Eu respondi:

— Prezado camarada, eu não sou peixe. Não tenho necessidade de mergulhar. Meu negócio é viver no seco. Dê um descontinho — eu pedi — por conta da molhadura.

Pois o homem disse:

— Não posso, camarada. Faria com prazer, mas não posso. Não depende nadinha de mim. O apartamentinho é comunitário, muita gente mora aqui, dividindo a cozinha e o quarto de banho. E o aluguel foi estabelecido com rigor.

— Ну, что ж,— говорю,— делать? Ладно. Рвите, говорю, с меня тридцать и допустите, говорю, скорее. Три недели, говорю, по панели хожу. Боюсь, говорю, устать.

Ну, ладно. Пустили. Стал жить.

А ванна действительно барская. Всюду, куда ни ступишь,— мраморная ванна, колонка и крантики. А сесть, между прочим, негде. Разве что на бортик сядешь, и то вниз валишься, в аккурат в мраморную ванну.

Устроил тогда настил из досок, живу.

Через месяц, между прочим, женился.

Такая, знаете, молоденькая, добродушная супруга попалась. Без комнаты.

Я думал, через эту ванну она от меня откажется и не увижу я семейного счастья и уюта, но она ничего, не отказывается. Только маленько нахмурилась и отвечает:

— Что ж, говорит, и в ванне живут хорошие люди. А в крайнем, говорит, случае, перегородить можно. Тут, говорит, к примеру, будуар, а тут столовая...

Я говорю:

— Перегородить, гражданка, можно. Да жильцы, говорю, дьяволы, не дозволяют. Они и то говорят: никаких переделок.

Ну, ладно. Живём как есть.

Меньше чем через год у нас с супругой небольшой ребёночек рождается.

Назвали его Володькой и живём дальше. Тут же в ванне его купаем — и живём.

И даже, знаете, довольно отлично получается. Ребёнок то есть ежедневно купается и совершенно не простуживается.

Одно только неудобно — по вечерам коммунальные жильцы лезут в ванную мыться.

На это время всей семьёй приходится в коридор подаваться.

Я уж и то жильцов просил:

— Граждане, говорю, купайтесь по субботам. Нельзя же, говорю, ежедневно купаться. Когда же, говорю, жить-то? Войдите в положение.

А их, подлецов, тридцать два человека. И все ругаются. И, в случае чего, морду грозят набить.

Ну, что ж делать — ничего не поделаешь. Живём как есть.

Через некоторое время мамаша супруги моей из провинции прибывает в ванну. За колонкой устраивается.

— Я,— говорит,— давно мечтала внука качать. Вы, говорит, не можете мне отказать взтом развлечении.

— Fazer o quê, então? — disse eu. — Combinado. Vá logo me arrancando os trinta, mas libere a entrada, bem depressa. Três semanas zanzando pelas calçadas. Desse jeito vou me cansar.

Pois bem. Deixaram. Comecei a morar.

O quarto de banho era mesmo grã-fino. Pisa aqui, pisa ali — tudo banheira de mármore, aquecimento a gás e torneirinhas. Mas lugar pra sentar, a propósito, nenhum. Na bordinha, podia ser, mas ficava desabando na banheira de mármore o tempo todo.

Fiz então um andaime de tábuas, e fui vivendo.

Por falar nisso, daí a um mês, me casei.

Calhou uma jovem, sabe, boazinha. Sem casa.

Por conta desse quarto de banho, pensei, ela vai me recusar, e aí eu perdia a chance de ter a felicidade e o conforto de um lar, mas não, ela não recusou. Só fechou um pouco a cara e disse:

— Fazer o quê? Em quarto de banho também mora gente boa. E, em último caso — disse ela — dá pra dividir com um biombo. Aqui, por exemplo, um budoar pra mim, ali a sala de jantar...

— Podia mesmo, cidadã, dividir — eu respondi. — Sô que os moradores, esses diabos, não autorizam. Falam aí, o tempo todo: nada de biombos.

Tudo bem. Vamos tocando a vida do jeito que dá.

Passou-se menos de um ano, a esposa e eu ganhamos uma criancinha.

Demos o nome de Volódka, e fomos tocando. Ali mesmo no quarto de banho, a gente dava banho nele, e ia vivendo.

E sabe de uma coisa, tudo até que corria muito bem. O menino tomava banho todo dia e nem pegava resfriado.

Só um incômodo: à noite, os moradores do coletivo se juntavam pra tomar banho.

Nessa hora, a família toda zunia pro corredor.

Eu pedia tanto aos moradores:

— Cidadãos — eu dizia —, tomem banho aos sábados. Tomar banho todo dia — repetia eu — não tem o menor cabimento. Como é que a gente vai viver? Entendam a minha situação.

Mas eles, os canalhas, sabe quantos eram? Trinta e dois. E todos nervosos. Brigavam por qualquer coisa, ameaçavam enfiar a mão na fuça.

Fazer o quê? Não podia fazer nada. O jeito era tocar a vida.

Passou-se um tempo, e a mãe da minha mulher chegou do interior, ficou morando no quarto de banho. Arranjou-se atrás do aquecedor.

— Eu — disse ela — vivia sonhando em embalar meu neto. Você não pode me negar essa distração.

Я говорю:

— Я и не отказываю. Валяйте, говорю, старушка, качайте. Пёс с вами. Можете, говорю, воды в ванную напустить — и ныряйте с внуком.

А жене говорю:

— Может, гражданка, к вам ещё родственники приедут, так уж вы говорите сразу, не томите.

Она говорит:

— Разве что братишка на рождественские каникулы...

Не дождавшись братишки, я из Москвы выбыл. Деньги семье высылаю по почте.

Então eu disse:

— Não estou negando nada. Anda logo, minha velha, embala? Que se danem todos vocês! Pode encher a banheira de água e ficar aí, mergulhando, junto com o neto.

E pra esposa eu disse:

— Vem mais algum parente seu pra cá, cidadã? Se vem, diga logo, não fique enrolando.

Ela respondeu:

— Talvez o meu irmãozinho, no feriado do Natal...

Nem esperei o irmãozinho, saí de Moscou. O dinheiro pra família eu mando pelo correio.

(1925)

*Tradução de Denise Sales*